


**O TEMPO E O LEGADO DELAS: EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS DE MULHERES
MADURAS NA POLÍTICA DO TOCANTINS – TERRITÓRIO AMAZÔNICO**

**TIME AND THEIR LEGACY: EXPERIENCES AND MEANINGS OF MATURE WOMEN
IN POLITICS IN TOCANTINS – AMAZON TERRITORY**

**EL TIEMPO Y SU LEGADO: EXPERIENCIAS Y SIGNIFICADOS DE LAS MUJERES
MADURAS EN LA POLÍTICA DE TOCANTINS – TERRITORIO AMAZÓNICO**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-291>

Data de submissão: 23/06/2025

Data de publicação: 23/07/2025

Eliana Zellmer Poerschke Farencena

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: elianafarencena@unirg.edu.br

Neila Barbosa Osório

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

Luiz Sinésio Silva Neto

Pós-doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: luizneto@uft.edu.br

Eduardo Aoki Ribeiro Sera

Doutor em Educação na Amazônia

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: eduardosera@live.com

Wesquisley Vidal de Santana

Doutorando em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: aabbdno@gmail.com

Glauce Gonçalves da Silva Gomes

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: glaucegomes@educ.to.gov.br

Leonardo Sampaio Baleeiro Santana

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: leonardosbsantana@gmail.com

Marileide Carvalho de Souza

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: carvalhomarileide@gmail.com

Marlon Santos de Oliveira Brito

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: marlonoliveirabrito@gmail.com

Munique Daniela Maia de Oliveira

Mestre em Desenvolvimento Regional

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: muniquemaoliveira@gmail.com

Sandra Franklin Rocha Viana

Mestra em Ciências do Ambiente

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: sandrafranklin2008@gmail.com

Valmir Fernandes de Lira

Mestre em Educação

Instituição: Universidade de Gurupi (UnirG)

E-mail: valmirpardal@outlook.com

RESUMO

A participação de mulheres maduras em espaços de poder político representa um fenômeno complexo, marcado por desafios estruturais e estratégias de resistência, especialmente em contextos regionais como o Tocantins. Este estudo objetivou compreender os sentidos atribuídos por mulheres maduras, ocupantes de cargos políticos no Tocantins - Território Amazônico, à mobilização da identidade e experiências no desafio às estruturas de desigualdade de gênero e etária. Adotou-se uma abordagem qualitativa de estudo de casos múltiplos, com base epistemológica fenomenológica, envolvendo sete mulheres com 45 anos ou mais em cargos políticos. Os dados foram coletados via entrevistas semiestruturadas e analisados tematicamente (Braun & Clarke, 2006). Os resultados evidenciaram que o capital político dessas mulheres é forjado por percursos não-tradicionais; suas identidades políticas se constroem na intersecção entre trajetórias pessoais e compromissos coletivos; a idade é vivida de modo ambivalente, com superação do etarismo através da resignificação da maturidade; e suas ações e propostas convertem vivências em políticas públicas concretas para o enfrentamento de desigualdades. Conclui-se que estas trajetórias femininas desafiam concepções tradicionais de política ao incorporarem dimensões de cuidado, escuta e inovação social, o que amplia os horizontes democráticos no contexto amazônico e oferece caminhos para uma representação política mais diversa e inclusiva.

Palavras-chave: Mulheres Maduras. Gênero e Idade. Identidade Política. Tocantins – Território Amazônico.

ABSTRACT

The participation of mature women in political positions represents a complex phenomenon, marked by structural challenges and resistance strategies, especially in regional contexts such as Tocantins.

This study aimed to understand the meanings attributed by mature women holding political office in Tocantins, the Amazon Territory, to the mobilization of identity and their experiences in challenging structures of gender and age inequality. A qualitative multiple-case study approach was adopted, based on phenomenological epistemology, involving seven women aged 45 or older in political office. Data were collected through semi-structured interviews and analyzed thematically (Braun & Clarke, 2006). The results showed that these women's political capital is forged through non-traditional paths; their political identities are constructed at the intersection of personal trajectories and collective commitments; age is experienced ambivalently, with ageism being overcome through the redefinition of maturity; Their actions and proposals convert experiences into concrete public policies to address inequalities. It is concluded that these women's trajectories challenge traditional conceptions of politics by incorporating dimensions of care, listening, and social innovation, which broadens democratic horizons in the Amazon context and offers pathways to more diverse and inclusive political representation.

Keywords: Mature Women. Gender and Age. Political Identity. Tocantins – Amazon Territory.

RESUMEN

La participación de mujeres maduras en cargos políticos representa un fenómeno complejo, marcado por desafíos estructurales y estrategias de resistencia, especialmente en contextos regionales como Tocantins. Este estudio tuvo como objetivo comprender los significados atribuidos por las mujeres maduras que ocupan cargos políticos en Tocantins, el territorio amazónico, a la movilización de la identidad y sus experiencias en el desafío de las estructuras de desigualdad de género y edad. Se adoptó un enfoque de estudio de caso múltiple cualitativo, basado en la epistemología fenomenológica, involucrando a siete mujeres de 45 años o más en cargos políticos. Los datos se recopilaron mediante entrevistas semiestructuradas y se analizaron temáticamente (Braun y Clarke, 2006). Los resultados mostraron que el capital político de estas mujeres se forja a través de caminos no tradicionales; sus identidades políticas se construyen en la intersección de trayectorias personales y compromisos colectivos; la edad se experimenta de manera ambivalente, y el edadismo se supera a través de la redefinición de la madurez; Sus acciones y propuestas convierten las experiencias en políticas públicas concretas para abordar las desigualdades. Se concluye que las trayectorias de estas mujeres desafían las concepciones tradicionales de la política al incorporar dimensiones de cuidado, escucha e innovación social, lo que amplía los horizontes democráticos en el contexto amazónico y ofrece vías para una representación política más diversa e inclusiva.

Palabras clave: Mujeres Maduras. Género y Edad. Identidad Política. Tocantins – Territorio Amazónico.

1 INTRODUÇÃO

Na paisagem social e política do Brasil contemporâneo, as mulheres sempre estiveram presentes como protagonistas de resistência, trabalho e reinvenção, embora frequentemente permaneçam invisibilizadas nas narrativas oficiais (Perrot, 2007; Scott, 1988). A trajetória das mulheres brasileiras tem sido marcada por coragem e resiliência num país onde transformações profundas convivem com tradições persistentes. Ainda hoje, a lente de gênero incide sobre todas as esferas da vida social e afeta de modo singular as experiências femininas, especialmente no acesso e permanência nos espaços de poder (Scott, 1988; Papa, 2012).

É nesse contexto que a escolha desta tese se insere: compreender, na experiência das mulheres maduras na política tocantinense, os sentidos que atribuem à construção identitária e à atuação diante das múltiplas barreiras impostas pelo sexismo e pelo etarismo. Ao fazê-lo, busca-se ir além da mera cronologia dos fatos (*Chronos*), adentrando no tempo oportuno (*Kairós*) em que essas mulheres desafiam normas, constroem legados e transformam a realidade política do estado. Afinal, como destaca Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher: torna-se” (1949/2009, p. 265), e esse tornar-se se prolonga e reinventa ao longo de toda a vida, inclusive, e talvez, sobretudo, na maturidade.

O cenário tocantinense, marcado por sua juventude federativa, revela tanto avanços em representatividade feminina quanto persistentes resistências, preconceitos e silenciamentos ainda vivenciados por lideranças que desafiam normas heterônomas de gênero e idade. Nesse panorama, destacam-se iniciativas inovadoras como o Programa da UMA – Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins, reconhecida como uma Tecnologia Social Internacional. Com projetos de extensão focados no engajamento político de pessoas com 45 anos ou mais (Osório; Sinésio Neto; Farencena, 2024), a UMA evidencia não apenas a necessidade, mas também o potencial transformador da inclusão das mulheres maduras nos debates públicos.

Um exemplo notável dessa atuação é o projeto 'Voto Grisalho', lançado pela UMA durante as eleições para a prefeitura de Palmas. Com o lema 'velhos não são invisíveis, a sociedade é que está cega', o projeto visava conscientizar os acadêmicos da Universidade da Maturidade sobre a importância do voto e a necessidade de avaliar criticamente as propostas e pautas dos candidatos para a população idosa. Em parceria com o Tribunal Regional Eleitoral (TRE), o projeto promoveu votações simuladas em urna eletrônica, incentivando o engajamento político e a participação cidadã. Mais do que um simples exercício, a simulação eleitoral proporcionou um espaço valioso para reflexão e debate sobre a acuidade da representatividade e do engajamento político na velhice. A iniciativa 'Voto Grisalho', ao mobilizar a comunidade acadêmica da UMA – Universidade da Maturidade onde a presença feminina é notavelmente expressiva, revelou o potencial transformador da Educação e da participação ativa na

vida política. Essa experiência, somada a outras observadas no contexto político, reforça a urgência de aprofundar a análise sobre a participação e o reconhecimento das mulheres maduras na esfera pública (Osório; Sinésio Neto, 2025).

Entretanto, apenas problematizar as ausências e dores já não é suficiente. Urge iluminar também conquistas, resistências e formas de reinvenção que emergem dos relatos das mulheres entrevistadas, o que ajuda a “reconstruir a história a partir do lugar de fala feminino” (Perrot, 2007, p. 22). O desafio de compreender as experiências políticas dessas mulheres torna-se ainda mais urgente diante do quadro de sub-representação feminina em cargos eletivos no Brasil, cenário que se agrava diante do recorte etário e expõe barreiras interseccionais de gênero e idade (União Interparlamentar, 2024; IBGE, 2022; Corrêa, 2023).

Em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS da ONU (2015) e com pesquisas que defendem o envelhecimento ativo e a inclusão intergeracional (Nogueira e Batista, 2022), este estudo visa contribuir para o fortalecimento de políticas públicas mais justas, emancipatórias e sensíveis à pluralidade das experiências femininas. O combate ao etarismo e o fortalecimento de lideranças femininas maduras não são apenas demandas democráticas, mas condições para uma democracia plural, capaz de incluir todas as vozes (ONU, 2015).

Assim, ao dar visibilidade às narrativas dessas mulheres, suas lutas, estratégias e conquistas, este estudo busca não apenas contribuir à literatura acadêmica, mas também inspirar a construção de políticas públicas mais inclusivas e de uma cultura que valorize genuinamente a diversidade etária e de gênero. Como destaca Goldenberg (2011, p. 136), “o envelhecimento pode significar espaço de liberdade, potência e reinvenção para as mulheres, desde que haja lugar para suas vozes serem ouvidas”.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: PATRIARCADO, GÊNERO E A TRAJETÓRIA POLÍTICA FEMININA

Este referencial teórico busca fundamentar a análise da participação das mulheres na política, compreendendo as raízes históricas do patriarcado, as lutas por igualdade, a construção multifacetada da identidade de gênero e o impacto do envelhecimento nesse percurso, com especial atenção ao contexto brasileiro.

2.1 PATRIARCADO E SEUS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DO PAPEL DA MULHER

O patriarcado é abordado não como um dado biológico, mas como um sistema de organização social historicamente construído, que concentra autoridade política, econômica e simbólica nas mãos dos homens, garantindo privilégios a eles e impondo restrições às mulheres (Walby, 1990; Lerner, 1986). Sua persistência se deve à capacidade de adaptação, perpassando culturas e épocas, e sendo reforçado por mitos fundadores, religiões e sistemas filosóficos (Aristóteles, Bulfinch, Beauvoir).

Historicamente, o patriarcado europeu, com o *pater familias* da Antiguidade Clássica e a Casa senhorial medieval, moldou estruturas que foram transplantadas para o Brasil colonial, exemplificadas pela Casa-Grande. Nesse contexto, a subordinação feminina, especialmente de mulheres negras e indígenas, interseccionava-se com o racismo e a escravidão (Holanda, 1995; Gonzalez, 1988). Embora reformas religiosas e a modernidade tenham ressignificado o patriarcado, e vozes críticas tenham surgido desde o século XVII (*Querelle des femmes*, Woolf), as disparidades de gênero persistiram, legitimando a exclusão feminina da vida pública e laboral. Mesmo com as conquistas do século XX, como o sufrágio, o patriarcado se adapta, perpetuando a feminização da pobreza, a divisão sexual do trabalho e a violência de gênero (Federici, 2017).

A crítica contemporânea reconhece a necessidade de uma análise interseccional, considerando as articulações com raça, classe, etnia e sexualidade (Crenshaw, 1991), para desnaturalizar essas estruturas e impulsionar a justiça de gênero.

2.2 AVANÇOS, ESTRATÉGIAS E DESAFIOS NA BUSCA POR IGUALDADE E REPRESENTAÇÃO FEMININA

A participação feminina em esferas decisórias é fruto de uma longa trajetória de resistência e mobilização. A "primeira onda" do feminismo (final do século XIX e início do XX) teve no movimento sufragista sua principal bandeira, reivindicando voto e acesso à educação e trabalho (Pitanguy & Alves, 1985; Garcia, 2015). A partir dos anos 1960 e 1970, com a "segunda onda", as lutas se expandiram para incluir debates sobre autonomia corporal, saúde e sexualidade, tornando-se mais plurais com a atuação de mulheres de diferentes classes e raças e o avanço da interseccionalidade (Davis, 2017).

No Brasil, a cidadania das mulheres se desenvolveu sob forte influência do patriarcado colonial e escravista. Apesar das restrições, houve resistências desde o período colonial, com figuras como Nísia Floresta e, no século XX, Bertha Lutz e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) liderando a luta pelo voto, conquistado em 1932 (Hahner, 2003).

Contudo, essa conquista veio com limitações (alfabetização, voto não obrigatório) e não eliminou a exclusão política, a violência de gênero (feminicídio, violência política) e as desigualdades

no mercado de trabalho (diferenças salariais, dupla jornada). A interseccionalidade de opressões (gênero, raça, classe, sexualidade) agrava essas barreiras para diversas mulheres (Collins, 2000). A apropriação de ferramentas digitais tem impulsionado novas formas de mobilização, mas a trajetória da cidadania feminina no Brasil é marcada por múltiplos desafios e a necessidade de políticas públicas inclusivas.

2.3 IDENTIDADE, GÊNERO E O PROCESSO DE ENVELHECER NA POLÍTICA

A identidade é compreendida como um processo de construção contínua, influenciado por contextos históricos, sociais e culturais, e não uma essência fixa. Na modernidade, as identidades são múltiplas e frequentemente contraditórias, moldadas por expectativas familiares, profissionais e de gênero (Hall, 2006). A identidade de gênero, em particular, é entendida como uma construção social que desestabiliza a noção de uma identidade feminina única, revelando a pluralidade de experiências e sua articulação com desigualdades estruturais (Scott, 1988; Collins & Bilge, 2016). A tensão entre expectativas tradicionais (maternidade, cuidado) e a busca por reinvenção (trabalho, autonomia, engajamento público) é constante.

O envelhecimento feminino, por sua vez, é um fenômeno demográfico significativo que se feminiza, com mulheres representando a maioria e vivendo mais na população idosa (Cabral, 2022). Este processo não é unicamente de perdas, podendo significar maior satisfação e autonomia (Debert, 2012). No entanto, as mulheres maduras enfrentam desafios específicos, como o etarismo (ageism), que se alia ao sexismo, resultando em discriminação no mercado de trabalho e na sociedade (Cepellos, 2021; Corrêa, 2023). Apesar do aumento da expectativa de vida e de maior autonomia, persistem barreiras para a garantia de espaço, voz e reconhecimento. O "novo envelhecer" reflete a reinvenção de papéis e o protagonismo, especialmente entre aquelas que desafiam normas sociais (Goldenberg, 2011).

Ao analisar as trajetórias de mulheres maduras na política, torna-se crucial reconhecer que a vida pública é atravessada por sentimentos e jogos emocionais, que podem ser tanto fontes de fragilidade quanto de força e reinvenção. A atuação política dessas mulheres, portanto, é um campo de conquistas e resistência, desafiando tanto a ordem patriarcal quanto o culto à juventude.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa qualitativa adota uma abordagem fenomenológica, inspirada em Edmund Husserl, Maurice Merleau-Ponty e Vera Lúcia Bicudo, buscando compreender como os fenômenos aparecem à consciência e a centralidade da experiência vivida. Alinha-se, ainda, ao pensamento de

Paulo Freire, considerando a pesquisa um processo dialógico e ético-político de escuta e reconhecimento da autonomia das participantes. O rigor metodológico baseia-se na clareza do olhar, na suspensão de juízos prévios (*epoché*) e na busca por essências dos sentidos atribuídos pelas mulheres à sua vivência.

O delineamento metodológico consistiu em um estudo de casos múltiplos no contexto político do Tocantins, tratando cada mulher entrevistada como um caso único, valorizando suas singularidades e permitindo o diálogo entre as narrativas.

3.1 PARTICIPANTES E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

A seleção das participantes foi realizada por amostragem intencional (Patton, 2015), visando captar a diversidade de trajetórias políticas. Os critérios de inclusão foram: ser mulher, ter 45 anos ou mais (considerado o início da maturidade, conforme Levinson, 1977), possuir experiência em cargos políticos executivos ou legislativos no Tocantins (Senadora, Deputada Federal, Deputada Estadual, Prefeita, Secretária de Governo) e residir no estado com disponibilidade para participar.

Inicialmente, onze mulheres foram convidadas, e sete aceitaram participar da pesquisa. A coleta foi encerrada com essa amostra por suficiência teórica (Merriam & Tisdell, 2016), quando os relatos apresentaram recorrência temática e riqueza suficiente para as análises propostas, sem a emergência de novos aportes qualitativamente distintos. Para garantir o anonimato e preservar a identidade das entrevistadas, foram utilizados pseudônimos inspirados em estrelas e constelações (Orion, Lyra, Polaris, Andrômeda, Vega, Antares e Sirius), que buscam equilibrar a sonoridade e a representatividade simbólica com a confidencialidade. Um quadro-síntese (não incluído aqui, mas presente na tese) apresenta a caracterização dessas participantes.

3.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas (Manzini, 2012; Triviños, 1987), realizadas em locais de preferência das participantes para garantir conforto e privacidade. O roteiro flexível buscou promover a escuta ativa e a liberdade para que as entrevistadas compartilhassem suas experiências, percursos e desafios. Todas as entrevistas foram gravadas (com consentimento prévio), posteriormente transcritas na íntegra e anonimizadas. Foram realizadas 7 entrevistas, totalizando 7h02m de gravação e 118 laudas de transcrição literal. Os temas abordados incluíram: experiências de vida e formação, motivações para a política, desafios de gênero e idade, estratégias de enfrentamento e expectativas de transformação social.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados fundamentou-se na Análise Temática (Braun & Clarke, 2006), método compatível com a perspectiva fenomenológica por permitir o desvelamento de sentidos e padrões emergentes diretamente das narrativas. As etapas operacionais envolveram: familiarização profunda com os dados, codificação inicial, busca e revisão de temas, definição e nomeação dos temas, e produção do relatório analítico. Essa metodologia permitiu uma análise indutiva, garantindo que os temas emergissem das narrativas sem pré-categorização. Os achados foram sistematizados em eixos temáticos centrais, refletindo aspectos estruturantes das trajetórias políticas analisadas, como identidade, percepções sobre envelhecimento e estratégias de ação.

3.4 ASPECTOS ÉTICOS E LIMITAÇÕES

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal do Tocantins, conforme as diretrizes da Resolução 466/2012. Foram garantidos o anonimato (com uso de pseudônimos), o consentimento livre e esclarecido (TCLE) de todas as participantes, e a privacidade dos dados.

É importante ressaltar que os achados desta pesquisa referem-se às participantes envolvidas e não são generalizáveis para a população tocaninense ou nacional. O estudo foca na profundidade das vivências, e não na amplitude comparativa, reconhecendo um possível viés de auto seleção das participantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O TOCANTINS: CONTEXTO HISTÓRICO-POLÍTICO E A ENTRADA DAS MULHERES NA POLÍTICA

O Tocantins, o estado mais jovem do Brasil, formalizado pela Constituição de 1988, é o resultado de um longo e complexo processo autonomista que remonta ao século XX, marcado por aspirações regionais e desigualdades estruturais. Apesar de sua juventude institucional, o estado está integralmente inserido na Amazônia Legal, o que lhe confere particularidades em termos de políticas de desenvolvimento e gestão ambiental, mesmo com a predominância de seu território ser de Cerrado (Souza, 2019; Brasil, 2007).

No plano sociopolítico, destaca-se a sistemática invisibilização das contribuições femininas nos movimentos autonomistas e na própria formação do estado. Essa ausência nas narrativas históricas oficiais não significa falta de protagonismo, mas reflete mecanismos seletivos da historiografia que tradicionalmente privilegiam figuras masculinas (Silva, 2020). Consequentemente, a primeira

composição política do Tocantins foi exclusivamente masculina, e a inserção das mulheres nas esferas formais de representação política tem sido gradual, lenta e marcada por persistentes barreiras (Parente, 2005; Silva, 2025).

Apesar de avanços pontuais, como a eleição de uma deputada estadual em 1990 e um lento aumento na representatividade em eleições subsequentes, a sub-representação feminina é uma realidade constante. Por exemplo, em 2022, mesmo com mais de 50% do eleitorado sendo composto por mulheres, a representação em cargos legislativos permaneceu limitada, com ausência feminina na Câmara Federal por parte do estado (Santos Czapski, 2023). Esse cenário demonstra que, mesmo com políticas afirmativas, o ambiente político tocantinense permanece predominantemente masculino, perpetuando mecanismos de dominação de gênero (Biroli, 2018).

Assim, o contexto do Tocantins, um estado jovem com estruturas de poder antigas, oferece um campo fértil para investigar os desafios e as estratégias de resistência das mulheres maduras que buscam seu espaço e afirmam sua identidade na política, tema central da discussão que se segue.

4.2 TRAJETÓRIAS E DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA POLÍTICA FEMININA

Para compreender a complexidade da atuação das mulheres maduras na política tocantinense, esta seção apresenta as participantes do estudo e, em seguida, discute as dimensões fenomenológicas que caracterizam suas trajetórias. As sete mulheres entrevistadas – Orion, Lyra, Polaris, Andrômeda, Vega, Antares e Sirius – são figuras de destaque no cenário político do Tocantins, com experiências diversas em cargos legislativos e executivos. Suas características demográficas e políticas são sintetizadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização das Participantes

Pseudônimo Constelação/ Estrela	Idade	Formação	Cargo e tempo em mandato*	Perfil racial auto declarado*	Ideologia partidária
Orion Constelação	45	Mestrado em Desenvolvimento Regional; Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional.	Secretária na Prefeitura de Palmas. Vice Presidente de autarquia no Governo do Estado). Candidata a vice governadora.	Branca	Esquerda
Lyra Constelação	56	Licenciatura em Letras	Vereadora Superintendente (Governo do Estado)	Parda	Centro Direita
Polaris Estrela Polar	45	Pós Graduada	Deputada Estadual	Parda	Centro direita
Andrômeda Constelação	57	Especialista em Gestão	Secretária (Governo do Estado) Secretária da Educação (Município)	Parda	Direita

Vega Estrela brilhante de Lyra	67	Doutora em Psicologia Social	Vereadora Secretária Executiva (Governo do estado)	Branca	Direita
Antares Estrela gigante vermelha	69	licenciatura plena em Educação Artística	Deputada Federal, Prefeita de Palmas; Presidente de Partido	Branca	Direita
Sirius Estrela mais brilhante	60	Pós graduada em Educação	Senadora Deputada Federal	Branca	Centro esquerda

Fonte: Elaborada pelos autores (2025) *Os cargos se referem a funções presentes ou historicamente exercidas.
Etnia/raça: Autodeclarada.

A adoção da perspectiva fenomenológica nesta análise busca ir além das interpretações factuais das trajetórias políticas, mergulhando nas estruturas de significado das experiências relatadas pelas entrevistadas. Este enfoque, inspirado em autores como Husserl e Heidegger, desvela as essências da experiência política feminina no Tocantins.

A temporalidade surge como dimensão essencial, compreendida não apenas como uma sequência de eventos, mas como parte constitutiva da própria experiência política (Merleau-Ponty). O "tornar-se política" manifesta-se como um fenômeno onde passado, presente e futuro se entrelaçam. Os relatos evidenciam um processo contínuo de ressignificação, com momentos biográficos, antes desconectados da política, sendo integrados numa narrativa coerente de preparação e desenvolvimento. A entrada na política envolve uma tensão entre escolha deliberada e circunstâncias, como ilustrado pela fala de Vega: "Eu falava que eu nunca vinha para o Norte, e casei com um político que eu falava que eu nunca queria política na minha vida."

A dimensão afetiva também se revela central. Polaris afirma: "eu sempre fui louca, alucinada com política", demonstrando que a política é vivida não apenas como atividade racional, mas como um intenso investimento emocional. Essa intensidade transcende a cronologia e estabelece continuidades significativas entre diferentes momentos biográficos.

A corporeidade emerge como fundamental, dando concretude e significado à experiência política. Como Vega descreve seu trabalho precoce "numa lojinha de fábrica de camiseta" aos 12 anos, percebe-se como o corpo se torna um campo de significação política, materializando vivências e aprendizados. O "chamado político" aparece, então, como uma transformação existencial profunda, reconfigurando o horizonte político em espaço para projetos de vida significativos.

Por fim, a intersubjetividade constitui um elemento central da experiência política feminina. As relações com pais, cônjuges e mentores são estruturas constitutivas que moldam a identidade política. Com a influência familiar, como nos casos de Polaris e Andrômeda, a relação com o outro é um processo de apropriação e transformação, seguindo a perspectiva de Levinas.

A análise fenomenológica demonstra que a experiência política feminina no Tocantins é caracterizada pela interação complexa entre temporalidade, afetividade, corporeidade e intersubjetividade, dialogando com os desafios impostos pelo patriarcado. Esta complexidade convida a uma compreensão mais profunda das formas pelas quais as mulheres constroem suas trajetórias políticas, que serão detalhadas nos temas de análise emergentes a seguir.

4.3 TEMAS DE ANÁLISES EMERGENTES DAS NARRATIVAS

A análise fenomenológica das narrativas das sete mulheres maduras participantes revelou quatro eixos temáticos centrais que aprofundam a compreensão dos sentidos atribuídos por elas à sua identidade e experiências no enfrentamento às desigualdades de gênero e etária no contexto político tocantinense. São eles: Capital Político, Identidade, Idade e Ações e Propostas.

4.3.1 Capital Político: Ascensão à Política

A análise aprofundada do capital político mobilizado pelas entrevistadas revela configurações complexas e multidimensionais, forjadas na interseção de herança familiar, excelência profissional, ativismo social e a capacidade de converter desafios em recursos estratégicos. Longe de uma trajetória linear, a ascensão dessas mulheres à política no Tocantins demonstra um processo dinâmico de acumulação e conversão de capital, adaptado tanto a contextos estruturais compartilhados quanto a circunstâncias biográficas específicas.

Muitas participantes tiveram seu primeiro contato com a política através de heranças e influências familiares, que proporcionaram uma familiaridade precoce com o universo político. Lyra, por exemplo, teve acesso aos bastidores do poder via o pai e, posteriormente, através do marido, acumulando experiência e redes que a impulsionaram do suporte nos bastidores para o protagonismo como vereadora: "Eu sempre tinha resistência de entrar na política, porque meu marido já estava na política. Quando ele foi para deputado, houve o convite para que eu fosse vereadora de Palmas. Eu falei, não, os dois na política, a família acaba ficando de lado. Não tem quem cuide da família", apontou Lyra, evidenciando o dilema entre vida pública e responsabilidades familiares. Polaris e Andrômeda também exemplificam como laços familiares políticos foram vetores de acesso, embora com a consciência clara da necessidade de legitimar sua própria atuação e desvincular-se da mera indicação por parentesco: "Não é o fato de eu ser irmã do governador que eu tenho que ocupar um cargo. Se eu não fosse, eu também ocuparia o cargo por capacidade, não por uma indicação política", declarou Andrômeda.

Paralelamente, a construção de capital profissional, técnico e de ativismo emergiu como um pilar fundamental para a legitimação de outras participantes. Orion, com sua formação em Arquitetura e Urbanismo e atuação em movimentos estudantis e ONGs, construiu um capital militante e associativo que transcendia as fronteiras geográficas, sendo reconhecida nacionalmente antes de sua inserção no Tocantins. Antares e Sirius, ambas com sólida trajetória na educação, transformaram seu reconhecimento técnico e credibilidade profissional em capital político. Antares, por exemplo, construiu sua base eleitoral a partir de seu trabalho reconhecido como secretária de educação, que lhe deu acesso e votos nos 139 municípios do estado: "Na minha família não é uma família de políticos, então não tem nenhum político, eu não tinha experiência política nenhuma," e "Eu tinha apoio dos delegados de ensino... dos diretores de escola e dos pais do aluno. Eu tive voto nos 139 municípios." Sirius, por sua vez, desafiou práticas clientelistas ao implementar critérios de mérito na gestão da educação, conquistando respeito e apoio transversal: "Eu fiz o primeiro processo seletivo de escolha de diretores. [...] Eu fiz um enfrentamento com a política tradicional, sendo secretária."

A formação de redes de apoio e reconhecimento social foi crucial para todas as entrevistadas. Seja através da atuação comunitária (Andrômeda), do trabalho como professora (Lyra) ou da experiência comercial e nos bastidores políticos (Vega), a capacidade de construir confiança e alianças estratégicas foi vital. Vega, por exemplo, sintetizou sua postura combativa e a origem de seu capital social: "Eu já nasci uma pessoa empoderada. Eu nunca deixei ninguém tirar os meus direitos," demonstrando como sua determinação e resiliência se tornaram recursos políticos.

Apesar das diferentes origens de seu capital, todas as participantes enfrentaram desafios impostos pelas estruturas patriarcais e pela cultura política tradicional, necessitando constantemente afirmar sua autonomia e legitimidade. A invisibilidade inicial e a necessidade de comprovar sua capacidade em um campo dominado por homens são experiências comuns. No entanto, o enfrentamento dessas barreiras não apenas desafia o patriarcado, mas também redefine o capital político feminino, articulando competência, resiliência e inovação. A fala de Vega é emblemática desse processo de ressignificação: "Tive que enfrentar muitas portas fechadas, sentir o peso da exclusão, mas usei cada uma dessas experiências não como um fim, mas como um degrau para aprender, para entender o sistema e para fortalecer minha posição e minha voz dentro dele."

Em uma perspectiva fenomenológica, o capital político dessas mulheres emerge não apenas como um somatório de recursos, mas como um fenômeno enraizado em experiências intersubjetivas, onde o vivido, o sentido e o compromisso se transformam em influência e poder político. É um capital dinâmico, dançado entre a experiência e a leitura do outro, continuamente ressignificado através da

reflexão e da ação, rompendo as margens da invisibilidade e estabelecendo uma presença política mais autêntica e ressonante em um contexto que impõe desafios específicos.

4.3.2 Identidade: O Ser-mãe-mulher-política

A análise da dimensão identitária nas trajetórias das mulheres políticas tocantinenses revela que a identidade não se manifesta como um atributo fixo, mas como um projeto existencial em constante construção, moldado por escolhas, enfrentamentos e adaptações. O "ser-mulher-política" emerge como um horizonte de possibilidades que se reconfigura continuamente, integrando e ressignificando aspectos tradicionalmente vistos como conflitantes, como os papéis de mãe, profissional e agente pública.

O conceito de "ser-mãe-mulher-política" não é uma simples justaposição de papéis sociais, mas um projeto existencial complexo que demanda a integração de dimensões aparentemente contraditórias em uma totalidade significativa. Essa construção identitária se manifesta como uma tensão constante entre a autenticidade e a adaptação, um equilíbrio precário entre manter a fidelidade a valores pessoais e responder às exigências pragmáticas do campo político, historicamente dominado por modelos masculinos. A autoconsciência identitária é, por vezes, retrospectiva, uma descoberta de si através da reflexão sobre o já-vivido, como revelou Vega: "Eu nem sabia que eu era empoderada, sabia? Hoje, eu trabalho pelo empoderamento". Esse processo de auto-reconhecimento desafia a "violência simbólica" (Bourdieu, 2014), que frequentemente naturaliza a subordinação feminina.

A maternidade apresenta-se não apenas como um papel social, mas como uma dimensão existencial que reconfigura radicalmente o ser-no-mundo político. As entrevistadas frequentemente narram a conciliação da maternidade com a vida pública como um desafio que exige reinvenção. Polaris, por exemplo, descreveu a maternidade como uma situação-limite ao relatar: "Quando eu fui mãe, eu levava, com 13 dias do meu primeiro filho, eu já estava levando-o, para a assembleia". Orion compartilhou experiência similar: "Eu tive minha filha durante esse período. Eu tive fazendo faculdade. Para além de tudo, eu tinha uma filha". Essa experiência de conciliação informa sua visão sobre as políticas e estruturas sociais, tornando-as mais sensíveis às barreiras enfrentadas por outras mulheres que buscam participar da vida política enquanto cumprem responsabilidades familiares, criando um novo modo de ser-mulher-política-mãe.

O fenômeno do duplo pertencimento, simultaneamente ao mundo da política institucional e ao mundo da vida cotidiana, manifesta-se como tensão constitutiva da identidade política feminina. Lyra, ao transitar do apoio nos bastidores para o protagonismo como vereadora após a viuvez, exemplifica a capacidade de reconstrução identitária diante da ruptura. Sua fala: "Ele ia ser candidato em 2018 e ele

faleceu em 2017. E aí eu fui candidata em 2018. Mas eu quis", demonstra a agência na redefinição de seu papel. Vega, ao administrar negócios e engajar-se na política, revela como as mulheres habitam múltiplos mundos simultaneamente, desenvolvendo uma consciência multiposicionada que difere fundamentalmente da experiência masculina de separação entre público e privado.

A corporificação da identidade política revela-se como dimensão inescapável do ser-mulher, onde o corpo não é mero suporte físico, mas um campo primordial onde a existência política feminina se realiza e é contestada. Polaris exemplifica essa dinâmica ao relatar: "O dia que eu fui de calça jeans para o plenário, fizeram uma matéria no jornal, como se fosse um crime", revelando como o corpo feminino nunca é neutro no espaço político, sendo sempre carregado de significações que excedem as intenções individuais. As entrevistadas frequentemente sentem o peso de serem julgadas pela aparência, pela idade, ou pela maneira de vestir, o que as força a uma vigilância constante sobre sua imagem pública.

A relação com o tempo biográfico manifesta-se de forma radicalmente distinta, revelando diferentes modos de temporalização da existência política. Enquanto Antares e Vega narram suas vidas como arcos temporais integrados, onde o envelhecimento representa uma culminação natural de experiências e sabedoria, Orion e Polaris vivenciam rupturas temporais mais pronunciadas, onde o "agora" político contrasta com o "antes" e gera uma constante reflexão sobre a transitoriedade. A capacidade de Sirius de integrar sua sólida formação educacional com a atuação política, mesmo enfrentando o sexismo velado, demonstra uma identidade que se fortalece na coerência entre os papéis, focada na persistência e no diálogo.

Em síntese, a identidade política feminina na política tocantinense é um processo dinâmico de negociação e ressignificação, que perpassa a conciliação de múltiplos papéis, o enfrentamento de expectativas de gênero, a corporificação da experiência e a relação com o tempo biográfico. A autenticidade, o duplo pertencimento e a resiliência são fios condutores que permitem a essas mulheres maduras não apenas navegar, mas também redefinir o campo político, transformando os desafios em oportunidades para forjar novas possibilidades de ser e agir.

4.3.3 Idade: A Temporalidade Corporificada da Política

Em meio às narrativas das mulheres políticas, a idade emerge menos como um número cronológico e mais como uma dimensão encarnada da trajetória política: um corpo que sente, uma mente que amadurece e uma subjetividade que se reinventa diante dos desafios do tempo e da cultura. A análise fenomenológica revela que o envelhecimento não é um mero desenrolar biológico, mas um

"entrelaçamento de recordação, agora e expectativa" (Husserl, 2008), vivido como um campo de múltiplos sentidos: ora resistência, ora vulnerabilidade, ora escudo, ora potencial de reinvenção.

A corporeidade feminina que envelhece manifesta-se como locus de opressão e possibilidade, um tema amplamente explorado por Beauvoir (1990). As entrevistadas revelam as tensões entre a aceitação das marcas do tempo e a pressão social por negá-las. Orion, aos 45 anos, confessa sua ambivalência: "O processo de envelhecimento é muito interessante porque... a gente começa a entrar nesse processo de envelhecimento. [...] O meu impulso é negar esse processo de envelhecimento." Essa tensão entre a autoimagem e as transformações corporais é reforçada pela pressão estética e pela percepção de que "A política gosta de novidade, de sangue novo...". Polaris, que enfrentou o preconceito pela juventude precoce na política ("Quando eu cheguei, tinha gente que me chamava de pirralha"), também sentiu a crueldade do etarismo maduro: "Eu já escutei assim: 'nossa, a Polaris era tão bonita quando era nova'. Dói, não é gostoso, eu não vou mentir." Essa experiência demonstra como a mulher nunca é considerada "adequada" em relação à idade na política, sendo alvo de julgamentos contínuos.

No entanto, o envelhecimento também se apresenta como fonte de autoridade, sabedoria e resiliência. Lyra destaca a maturidade como um diferencial: "A maturidade nos permite ter essa visão e também assim, a grandeza de saber que a gente não domina tudo e que a gente pode aprender e deve aprender[...]". Ela vê a idade como um "presente", um capital simbólico e prático que confere serenidade e visão de conjunto para a atuação política. Andrômeda, que aceitou um cargo estratégico após a aposentadoria, exemplifica a maturidade como realização, com um "senso de propósito renovado": "Se eu lia, eu passei a ler mais. Se eu buscava informação, eu passei a buscar mais". Sua narrativa estrutura-se por fases de vida que culminam na atuação política plena, evidenciando o percurso de aprendizado contínuo.

Vega se destaca por uma abordagem que articula celebração e reinvenção estratégica, assumindo sua idade com orgulho: "Tenho sessenta e sete anos. Não tenho dificuldade de estar com essa idade... Eu tenho muito orgulho da minha idade." Ela reconhece o etarismo, que tentou tirá-la da linha de frente ("Eles achavam que eu estava velha, para Palmas. Que a minha força política já envelheceu"), mas converteu o desafio em símbolo afirmativo de suas conquistas, atuando como mentora: "Eu passei a ser uma mentora." Vega vislumbra um legado que transcende sua própria experiência: "Eu quero dizer que esse prato alguém vai comer depois de mim." Essa perspectiva de que o envelhecer na política é um projeto, uma conquista e uma abertura ao novo, é corroborada pela fenomenologia do tempo de Heidegger (2012).

A consciência crítica sobre as desigualdades etárias e a defesa de políticas públicas inclusivas permeiam as narrativas. Antares enfatiza a transformação histórica da experiência do envelhecimento, revelando orgulho pela maturidade e defendendo a intergeracionalidade como valor político: "Hoje, a gente tem orgulho da idade da gente." Ela critica a insuficiência de políticas para idosos no Brasil, clamando por um olhar que inclua a "mulher idosa na política" para que possa "dizer os anseios dela." Sirius, por sua vez, oferece uma análise sofisticada do etarismo, distinguindo o duplo padrão de envelhecimento para homens e mulheres: "Os homens não pintam cabelo, são charmosos, se é a mulher, é desleixada." Ela, embora se sinta protegida por sua posição de poder, denuncia que o Brasil "não olha pro envelhecimento" e que as políticas públicas não se adaptaram à inversão da pirâmide etária.

Em síntese, a análise evidencia que, apesar do peso dos estigmas sociais e institucionais, as mulheres entrevistadas constroem respostas múltiplas ao envelhecimento. Seja pela via do enfrentamento, da reinvenção de novos modos de ser e atuar politicamente, ou da celebração da experiência, a idade se manifesta como uma dimensão fluida, multifacetada e fundamentalmente situada. Essa riqueza confirma a "feminização do envelhecimento" (Debert, 2012; Goldenberg, 2011), reposicionando a maturidade feminina como um tempo de potência e de abertura de possibilidades para o desafio às estruturas de desigualdade de gênero e etária na política.

4.3.4 Ações e Propostas: Análise Comparativa Fenomenológica

As ações e propostas das sete lideranças femininas maduras do Tocantins revelam, sob perspectiva fenomenológica, muito mais que agendas políticas: expressam modos singulares de habitar o mundo político a partir de experiências corporificadas. A dimensão vivencial manifesta-se claramente na maneira como cada entrevistada transforma sua trajetória em proposições concretas e na busca por materializar o desafio às estruturas de desigualdade de gênero e etária.

A corporeidade e a temporalidade vivida são traduzidas em políticas públicas. Orion, por exemplo, defende cidades inclusivas não apenas como arquiteta, mas a partir de sua própria experiência com os primeiros sinais do envelhecimento, propondo espaços urbanos que democratizem o acesso físico e a própria concepção da cidade para corpos envelhecidos: "Uma cidade que é inclusiva para uma mulher com mais idade é inclusiva para todo mundo." Da mesma forma, Lyra converteu a vivência de discriminação no mercado de trabalho em defesa veemente do empreendedorismo feminino maduro: "A mulher de 60, 65 até 70 anos hoje está muito ativa, tem muita disposição, mas a hora que vê no papel já é um preconceito enraizado." Suas propostas emergem diretamente da experiência de

ter suas capacidades questionadas por marcadores de idade e gênero, transformando obstáculos pessoais em caminhos coletivos.

A intersubjetividade se manifesta nas estratégias de atuação, onde a escuta ativa e a compreensão do "mundo-da-vida" das comunidades se tornam essenciais para políticas eficazes. Sirius valoriza a escuta como método: "Eu fiz muito trabalho junto às escolas rurais, quilombolas e indígenas, ouvi diretores, fui a campo..." Essa abordagem permite que as políticas reflitam as reais necessidades dos beneficiários. Polaris demonstra essa dimensão relacional ao transformar a escuta das mulheres em situação de violência em marcos legais específicos, como a Delegacia da Mulher 24 horas e a Patrulha Maria da Penha. Sua ação revela como a experiência intersubjetiva pode materializar-se em estruturas institucionais concretas que modificam as possibilidades existenciais de mulheres vulnerabilizadas.

As diferentes inserções institucionais moldam qualitativamente as propostas. Andrômeda, em posição executiva, foca na criação de diretrizes básicas e políticas afirmativas para mulheres. Já Antares e Polaris, com trajetórias legislativas consolidadas, priorizam marcos legais permanentes, como a criação da Procuradoria da Mulher no Congresso Nacional por Antares, materializando espaços de representação feminina onde antes não existiam. Sirius, com atuação nacional, mobiliza sua experiência para transformações estruturais amplas, como a defesa da paridade de gênero na política nacional: "A gente tem que brigar é por reconhecimento, paridade e representação. Sem isso a pauta das mulheres não avança."

Há convergências significativas nas propostas, como o reconhecimento da interseccionalidade, onde todas as entrevistadas demonstram consciência de como diferentes marcadores sociais (gênero, idade, classe) criam vulnerabilidades específicas que exigem políticas diferenciadas. Igualmente, todas valorizam a experiência madura como potência política e defendem a institucionalização como garantia de permanência das conquistas. Antares, por exemplo, liderou o movimento "60 mais", reconhecendo que a idade traz experiência e que os jovens "fazem muito mais rápido e têm muito mais domínio tecnológico", defendendo a complementaridade intergeracional.

As singularidades também emergem: enquanto Lyra e Antares focam em transformações culturais de longo prazo, Polaris e Andrômeda priorizam resultados imediatos. Orion enfatiza políticas urbanas descentralizadas, enquanto Sirius prioriza comunidades rurais e tradicionais. Cada uma percebe o próprio corpo político de modo único, ora como fonte de ansiedade que motiva políticas inclusivas, ora como repositório de sabedoria que qualifica a ação política.

Esta resignificação representa contribuição essencial para a democratização do poder. Quando transformam suas experiências corporais, temporais e intersubjetivas específicas em propostas

concretas, estas mulheres maduras realizam o movimento fenomenológico fundamental: da experiência singular ao bem comum, da percepção individual à transformação coletiva. Suas propostas, longe de serem meras respostas técnicas, constituem autênticas reelaborações do que significa existir politicamente como mulher que envelhece em contextos marcados por desigualdades estruturais, revelando a potência de suas trajetórias como agentes de mudança social.

5 CONCLUSÃO: O TEMO E O LEGADO DELAS

"As inquietações que me levaram a esta investigação são também parte do meu próprio percurso como mulher que, em diferentes tempos e papéis, busca compreender e transformar as estruturas que limitam nossa existência plena." — A autora.

A investigação fenomenológica das mulheres maduras na política do Tocantins, estado jovem na Amazônia Legal, revela um panorama complexo de estratégias e ressignificações. Este estudo transcende a mera estatística da sub-representação feminina, aprofundando como essas mulheres constroem suas trajetórias e desafiam a invisibilidade histórica em espaços de poder.

Um paradoxo significativo emerge das narrativas: embora representem rupturas com papéis tradicionais de gênero, muitas vezes, seus pontos de entrada na política ocorrem através de "portais masculinos", como a influência de familiares ou mentores. No entanto, sua engenhosidade se manifesta na capacidade de mobilizar esses recursos dentro de sistemas patriarcais para, eventualmente, subvertê-los e transformar diferentes formas de capital em legitimidade política própria.

As análises revelaram que o capital político dessas mulheres é forjado em percursos não-tradicionais, com a identidade se construindo como um projeto existencial ("ser-mãe-mulher-política") que concilia múltiplos pertencimentos e mobiliza recursos estratégicos. A idade, longe de ser um limitador, emerge como potencial de reinvenção e autoridade. Converging essas dimensões, suas ações e propostas transformam vivências pessoais em políticas públicas concretas, como no desenho urbano inclusivo de Orion ou na institucionalização da defesa das mulheres por Antares.

Esta transformação da experiência vivida em ação política constitui a contribuição mais significativa dessas mulheres para o aprofundamento democrático no território amazônico do Tocantins. Ao trazerem perspectivas historicamente silenciadas, não apenas como reivindicação abstrata, mas como propostas concretas enraizadas em suas vivências, elas expandem o horizonte do possível e redimensionam o sentido da representatividade.

5.1 LIMITAÇÕES E PERSPECTIVAS FUTURAS

Esta pesquisa, por seu foco em análise fenomenológica e número restrito de participantes em posições institucionais, limita a generalização dos resultados. Estudos futuros podem ampliar o escopo para maior diversidade de experiências, aprofundando a análise interseccional (gênero, idade, raça, classe, território) e comparando estados da Amazônia Legal. Iniciativas como a Universidade da Maturidade (UMA/UFT) também indicam caminhos promissores para futuras investigações e intervenções no empoderamento político de idosos.

5.2 IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Os resultados apontam para a necessidade de políticas públicas específicas para o território amazônico que promovam:

- Formação política continuada para mulheres em diferentes fases da vida, valorizando a experiência acumulada das mais velhas e o ímpeto transformador das mais jovens.
- Mecanismos institucionais que garantam não apenas a presença numérica, mas a efetiva participação das mulheres nos processos decisórios, com atenção especial às questões intergeracionais.
- Estruturas de apoio que reconheçam as responsabilidades de cuidado frequentemente atribuídas às mulheres, facilitando sua participação política sem sobrecarga adicional.
- Campanhas educativas de combate ao etarismo e ao sexismo para promover uma cultura política que valorize a diversidade e reconheça a legitimidade da liderança feminina madura.

O desafio para a política tocantinense e brasileira é institucionalizar os avanços dessas mulheres, consolidando suas conquistas como transformações estruturais permanentes. Suas experiências no Tocantins demonstram que a participação feminina madura é uma transformação qualitativa da ação política, essencial para uma democracia genuinamente inclusiva e sensível à diversidade amazônica e aos desafios coletivos.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. A velhice. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BICUDO, M. A. V. Fenomenologia e educação. São Paulo: Cortez, 2011.
- BICUDO, H. M. P. O voto feminino no Brasil: ensaio histórico. São Paulo: USP, 2000.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Applied Qualitative Research in Psychology*, [s. l.], v. 3, n. 2, 2006.
- COLEMAN, J. S. *Foundations of Social Theory*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.
- DEBERT, G. G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- FARENCENA, E.; OSÓRIO, N.; SILVA NETO, L. S. Idadismo, interseccionalidade e envelhecimento: A UMA como agente de empoderamento na Amazônia. In: BRITO, N. P. (org.). *Envelhecimento ativo e educação ao longo da vida: 18 anos de Universidade da Maturidade*. Palmas: EdUFT, 2024.
- FEDERICI, S. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- GOLDENBERG, M. A bela velhice. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- HAAS, P. M. Epistemic communities and international policy coordination. *International Organization*, [s. l.], v. 46, n. 1, p. 1-35, 1992.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HEIDEGGER, M. Ser e tempo. Tradução de Fausto Castilho. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HUSSERL, E. A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- HUSSERL, E. Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo. Tradução de J. Alberto F. Oliveira. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- NOGUEIRA, I. R. R.; BATISTA, A. C. Intergeracionalidade: prevenção ao idadismo e construção de uma sociedade para todas as idades. Brasília: SESC/DF, 2022. Disponível em: www.sescdf.com.br. Acesso em: 15 jul. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Nova York: Organização das Nações Unidas, 2015. Disponível em: brasil.un.org. Acesso em: 15 jul. 2025.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S. Universidade da Maturidade. Nossa História. Universidade Federal do Tocantins. UFT, 2021.

PARENTE, T. G. O avesso do silêncio: vivências cotidianas das mulheres do século XIX. 1. ed. Goiânia: UFG, 2005.

PERROT, M. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.

PITANGUY, L.; ALVES, B. M. O sexo da democracia: o voto feminino no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SARTRE, J.-P. O ser e o nada. Petrópolis: Vozes, 2006.

SCHATZ, E. Political Legitimacy in New Democracies. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

SCHUTZ, A. El problema de la realidad social. Buenos Aires: Amorrortu, 1967.

UNIÃO INTERPARLAMENTAR. Women in parliament 2023. Genebra: Inter-Parliamentary Union, 2024. Disponível em: www.ipu.org. Acesso em: 15 jul. 2025.